

VENHAM PRÉ-CATECUMENADO

1. O DEUS DOS NOSSOS PAIS

Hb 1,1

1,1-4. A introdução, de extraordinária beleza literária, anuncia as intervenções de Deus no mundo e na história humana. Deus começou progressivamente por revelar o seu plano de salvação por meio de diferentes profetas. Finalmente, em Jesus Cristo, que não é simplesmente um profeta, nem um anjo, nem um ser criado, mas a perfeita imagem de Deus, não só Deus falou definitivamente, como o próprio Jesus tirou os nossos pecados, tornando-se assim o salvador do mundo.

1,1-4. Estes quatro versículos formam uma única frase que alude ao tema principal da carta e mostram o **papel de Jesus Cristo na criação e na obra da redenção** (cf. Jo 1,1-18; Cl 1,15-20). Este papel também revela Jesus como "Filho de Deus", "Palavra criadora", "Imagem de Deus Pai" "Redentor". São assim sugeridos dois dos principais títulos cristológicos: Jesus como Filho de Deus, sentado à direita de Deus, e o Sumo Sacerdote que cumpriu a remissão dos pecados.

1,1. Nos tempos antigos: O período da antiga aliança, da antiga disposição, isto é, os tempos veterotestamentários, desde o princípio do mundo até ao nascimento e ministério de João Baptista.

Falou Deus: O texto **nunca** se refere à Palavra de Deus como **palavra escrita**. As citações da Escritura são apresentadas sobretudo como "palavra" dita principalmente por Deus mas também por **Cristo** e pelo **Espírito** Santo (excepção de 2,6). **Os mediadores humanos** não são, todavia, ignorados: Moisés, David, os profetas.

Deus continua a falar hoje, e daí a insistente e forte advertência: "Tende cuidado! Não vos recuseis a escutar aquele que vos fala" (12,25; cf. 4, 12-13).

Êxodo 3,6

3,1-22. No capítulo 3, narram-se duas coisas importantes: a **revelação** decisiva do Senhor Deus a Moisés e o **anúncio do plano** para resgatar os israelitas da escravidão. Esta narrativa provém da tradição *Eloísta* e prepara para a revelação do novo nome, o Senhor (*Yahveh*), pelo qual Deus deve ser conhecido daqui para a frente. O encontro entre Deus e Moisés realiza-se na base do monte Horeb, que segundo outras tradições se chama Sinai. A vida nómada de Moisés com Jetro foi uma boa preparação para a futura missão de conduzir o povo pelo deserto. Deus usa sempre as situações do presente para preparar as pessoas para o que há-de acontecer.

Este capítulo pode ser dividido em três secções: 1) a teofania; 2) o chamamento de Moisés; 3) o programa de libertação dos israelitas. O chamamento é comparável a passagens similares em Juízes, Jeremias e Ezequiel. É possível fazer reflexões teológicas sobre a natureza do acto libertador de Deus, o significado da aparente incompetência de Moisés para aquela missão e, finalmente, a natureza da revelação.

3,6. Deus identifica-se a si mesmo como o **Deus dos três patriarcas** de Israel: Abraão, Isaac e Jacob. Ele é o Deus que revela o seu novo nome, mas sempre foi conhecido e adorado pelos antepassados de Israel.

Moisés escondeu o seu rosto: Procedeu assim porque conhecia a antiga tradição segundo a qual ninguém poderia ver a face de Deus e sobreviver (33,20; Jz 13,22).

- **Eloísta:** ou E, nome erudito do autor de um dos documentos-fonte do Pentateuco. O escrito do Eloísta é caracterizado pelo uso de Eloim em vez do nome verdadeiro YHWH (Senhor) no período anterior a Moisés.

- **Javista:** é o nome do autor de um dos documentos fonte do Pentateuco. O Javista, desde o início da sua obra (Gn 2,4), usa normalmente o nome Javé para Deus (ao contrário do autor de outro documento, o Eloísta, que usa a palavra heb, "*eloim*", , ou Deus). Geralmente os eruditos concordam que a narrativa Javista é o mais antigo dos documentos.

2. O DEUS DOS CRISTIÃOS

Mt 6, 30-33

6,19-34. Esta passagem recorda-nos que um dos elementos centrais na vivência correcta proposta por Jesus é o **uso apropriado de todos os nossos recursos**. Devemos usá-los de modo a que se note que a ansiedade em relação aos bens materiais não prevaleça sobre a nossa intenção de servir antes a Deus que ao dinheiro.

6,25-34. A nossa determinação em resolver os problemas da vida não nos deve privar da alegria de viver: **As ansiedades e as preocupações não produzem nada de bom.**

6,32. O vosso Pai celeste bem sabe: Cf. v. 8; Lc 12,30. Todas as orações e ensinamentos de Jesus fluem da sua experiência de Deus como "Abba" (cf. Mc 14,36; Rm 8,15; Gl 4,6). Assim, a oração cristã é primordialmente petição (cf. v. 8; 7,11; 18,19; Lc 11,13; Jo 14,13; 15,16; 16,23.26) e acção de graças (cf. Mt 11,25), porque pedir e agradecer são formas normais da conversação das crianças.

6,33-34. O bem estar material não está garantido para os seguidores de Cristo quando **procuram primeiro o Reino de Deus**. O que lhes está garantido é o amor de Deus, cuja forma, contudo deve ser deixada à sua providencial sabedoria.

CIC

305 Jesus pede **uma entrega filial à providência do Pai Celeste**, que cuida das mínimas necessidades de seus filhos: "Por isso, não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber?... Vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas. Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6,31-33).

1942. A virtude da solidariedade vai além dos bens materiais. Difundindo os bens espirituais da fé, a Igreja favoreceu também o desenvolvimento dos bens temporais, aos quais muitas vezes abriu novos caminhos. Assim foi-se verificando, ao longo dos séculos, a palavra do Senhor: "Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas" (Mt 6,33): Há dois mil anos vive e persevera na alma da Igreja este sentimento que levou e ainda leva as almas ao heroísmo caritativo dos monges agricultores, dos libertadores de escravos, dos tratam dos enfermos, dos mensageiros de fé, de civilização, ciência a todas as gerações e a todos os povos, em vista de criar condições sociais capazes de possibilitar a todos uma vida digna do homem e do cristão.

2115. Deus pode revelar o futuro a seus profetas ou a outros santos. Todavia, **a atitude cristã correcta consiste em entregar-se com confiança nas mãos da providência** no que tange ao futuro, e em abandonar toda curiosidade doentia a este respeito. A imprevidência pode ser uma falta de responsabilidade.

Providência

Todos os acontecimentos têm um significado e talvez não possamos descobri-lo imediatamente caso a caso, mas podemos acolhê-los sabendo que eles certamente têm esse significado: **Deus me ama e me guia.**

Reconhecer que Deus me educa significa reconciliar-me comigo mesmo e com a minha vida, com os dons que tenho e com aqueles que não tenho, com aqueles que gostaria de ter, com o que perdi e com o pequeno caminho, talvez, que fiz. Reconciliar-me com a minha vida porque nela Deus me guia, Ele está me guiando, Deus continuamente corrige situações erradas, sejam elas pequenas ou grandes. Por isso, apesar da minha negligência, a minha vida é levada adiante por Deus e, no seu plano de amor — dinâmico e sempre renovado —, **toda a minha história tem sentido.**

A Escritura dá testemunho desta verdade para os judeus, o triunfo do reinado de Davi e a queda de Salomão fizeram sentido, o exílio e a vida entre os pagãos fizeram sentido, e o retorno do exílio fez sentido. Para mim, **esta vida** com os seus contrastes e lacerações, com as suas luzes e as suas trevas, **faz sentido**. Deus sempre me conduz à purificação do coração, à maturidade da fé, à semelhança de Cristo.

3. ENCONTRAR A JESUS CRISTO

Jo 1, 35-39

1,19-51. João Baptista da testemunho de Jesus. Os primeiros discípulos de Jesus eram seguidores de João Baptista. Quando ouvem quem é Jesus, decidem segui-lo. A Nova Aliança prometida no Antigo Testamento é realizada na relação entre Jesus e os seus discípulos. Os Evangelhos dão muitos títulos a Jesus de acordo com as expectativas judaicas. O Messias que há-de vir é o Filho de David, Filho do Homem; aqui chamam-lhe profeta.

Jesus é superior a João e a todos os profetas. É-lhe dado o Espírito. Ele é o Filho de Deus. A fé, diz Paulo, não é o resultado de argumentos nem de revelações privadas, mas chega-nos pela audição de alguém que primeiro se encontrou com Cristo (Rm 10,14-17). Cristo está entre nós, como então esteve com eles. No entanto, muitos não conseguiram reconhecê-lo. Aos **povos africanos**, a Igreja, como João Baptista, deve anunciar e mostrar o verdadeiro Cordeiro de Deus que tira o pecado do homem (v. 36).

1,36. Este é o Cordeiro de Deus: Cf. Mt 3,17; 17,5; 27,54; Mc 9,7; 15,39; Lc 9,35; Jo 20,31; Act 9,20. Os sete títulos iniciais atribuídos a Jesus no primeiro capítulo são: Filho de Deus, Cordeiro de Deus, Rabi, Messias, Profeta, Rei de Israel e Filho do Homem. Nos capítulos seguintes, estes títulos serão repetidos e outros acrescentados, por exemplo, no cap. 3, Filho de Deus, Juiz, Filho do Homem, o Esposo; no cap. 4, Profeta, Messias, Salvador; no cap. 5, Filho de Deus, Juiz e Filho do Homem; no cap. 6, Profeta, Rei, Filho do Homem, o Santo de Deus; nos caps. 7-9, Profeta, Messias, Eu Sou; no cap. 10, Bom Pastor (com conotação divina e messiânica) e Filho do Homem; no cap. 13, Mestre, Senhor, Eu Sou, Filho do Homem; nos caps. 14-17, Filho de Deus, Advogado e Amigo; nos caps. 18-19, Eu Sou, Rei, Filho de Deus, Cordeiro Pascal; no cap. 20, Rabbuní, Senhor e Deus, Messias e Filho de Deus; no cap. 21, Senhor e Pastor.

CIC 719

João é "mais do que um profeta". Nele, o Espírito Santo conclui a tarefa de "falar pelos profetas". João encerra o ciclo dos profetas inaugurado por Elias. Anuncia a iminência da Consolação de Israel, é a "voz" do Consolador que vem. Como fará o Espírito de Verdade, "ele vem como testemunha, para dar testemunho da Luz" (Jo 1,7). Aos olhos de João o Espírito realiza, assim, as "pesquisas dos profetas" e o "desejo" dos anjos: "Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo Eu vi e dou testemunho de que ele é o Filho de Deus... Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1,33-36).

CIC 1-3

Deus, infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo, em um desígnio de pura bondade, **criou livremente o homem** para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada. Eis por que, desde sempre e em todo lugar, está perto do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-lo, a conhecê-lo e a amá-lo com todas as suas forças. **Convoca todos os homens**, dispersos pelo pecado, para a unidade de sua família, a Igreja. Faz isto **por meio do Filho**, que enviou como Redentor e Salvador quando os tempos se cumpriram. Nele e por Ele, chama os homens a se tornarem, **no Espírito Santo, seus filhos adotivos**, e portanto os herdeiros de sua vida bem-aventurada.

A fim de que este chamado ressoe pela terra inteira, **Cristo enviou os apóstolos** que escolhera, dando-lhes o mandato de anunciar o Evangelho: "Ide, fazei que todas as nações se tornem discípulos, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28,19-20). Fortalecidos com esta missão, os apóstolos "saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a Palavra por meio dos sinais que a acompanhavam" (Mc 16,20).

Os que com a ajuda de Deus acolheram o chamado de Cristo e lhe responderam livremente foram por sua vez impulsionados pelo amor de Cristo a anunciar por todas as partes do mundo a Boa Notícia. **Este tesouro recebido dos apóstolos foi guardado fielmente por seus sucessores.** Todos os fiéis de Cristo são chamados a transmiti-lo de geração em geração, anunciando a fé, vivendo-a na partilha fraterna e celebrando-a na liturgia e na oração.

4. A FAMÍLIA DE JESUS

Mt 12, 46-50

12,46-50. Jesus não se limita às relações familiares e de amizade. Na sua missão, está preocupado em ter como colaboradores todos aqueles que de facto cumprem a vontade de Deus. Jesus vai mesmo mais longe e mostra-se solidário com os pecadores (9,10; Mc 2,15-17; 1 Tm 1,15).

12,47. Alguns manuscritos omitem este versículo.

2,50. Esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe: Cf. Mc 3,31-35; Lc 8,19-21 com Mt 19,29; Mc 6,3; 10,29-30; Lc 14,26. A escolha deste **modelo de família** para o novo povo de Deus baseia-se **na fraternidade de Deus**. Jesus, enquanto Filho de Deus, dá o exemplo de serviço, de vida fraterna. Esta nova ordem expressa-se nas comunidades da Igreja primitiva (cf. Rm 16,5; 1 Cor 16,19; Cl 4,15; Fim 2). **A comunidade crista deve ser entendida como a comunidade dos irmãos e irmãs de Jesus**, liberta do poder de certas estruturas que prevalecem noutros âmbitos das relações humanas. Tudo isto tem muita importância nas estruturas da Igreja, no ministério e no culto.

Act 4, 32.34-35

4,32-37. Com "tudo em comum", **a comunidade concretiza um ideal** helenístico de amizade expresso na partilha das posses. Ao vender terras ideal. Este retrato idealizado de generosidade da comunidade e de submissão à autoridade para cuidar dos seus pobres, a comunidade corporiza o Israel proprietário, o levita José. O nome a ele atribuído pelos apóstolos é observado em concreto nas acções de um único Apóstolos é Barnabé.

4,32. Um só coração e uma só alma: Cf. 2,42-47. **Os cristãos aplicam** às suas relações mútuas o que o primeiro mandamento exigia que os israelitas fizessem em relação a Deus: **"Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças"** (Dt 6,5). Entre eles tudo era em comum: Cf. 2,44-45. Lucas sublinha a união da primeira comunidade (2,44; 4,32) na oração (1,14; 2,1; 4,31; 12,12), na escuta da palavra (2,42a; 8,6) e nas preocupações comuns (15,25). Mas esta comunhão entre cristãos excede a partilha da mesma fé na ressurreição de Jesus e o encontro no mesmo lugar. Há exigências económicas para as pessoas baptizadas: solidariedade com os necessitados da comunidade. Espera-se dos que possuem propriedades que as ponham à disposição da comunidade de modo a que ninguém passe necessidades. Todos podem viver na alegria da salvação de Cristo (2,46), sem preocupações materiais. Como mostram o exemplo de Barnabé (4,36-37) e o contra-exemplo de Ananias e Safira (5,1-11), **ninguém é forçado a partilhar a sua propriedade:** todas as contribuições são livres (cf. 2 Cor 9,7).

Não há ponta de "*comunismo*". A prática da comunhão de bens corresponde a uma dupla expectativa do mundo dessa época: é uma resposta às esperanças utópicas gregas expressas no provérbio muitas vezes citado: "Os amigos põem tudo em comum"; e confirma que na comunidade cristã a profecia de Dt 15,4 está a ser cumprida: "Não deve haver pobres entre vós".

Já no Evangelho de Lucas era dado um grande realce à partilha dos bens de cada um (Lc 3,11; 12,33; 14,33; 18,22). Algumas mulheres entre os discípulos usavam as suas posses para socorrer às necessidades do grupo (Lc 8,3; cf. 19,8). Mas nos Actos deixam de se encontrar as palavras "pobres" e "ricos". Act 4,34 fala de "necessitados" e 20,35 de "fracos", o que pode significar os economicamente pobres. **Os cristãos devem preocupar-se com os necessitados, de modo a que na Igreja deixe de haver diferenças sociais ou económicas.** Vivendo num mundo hostil, os cristãos dos primeiros séculos estão muito preocupados com os seus irmãos necessitados. Não há um programa de erradicação da pobreza das massas ou de abolição da escravatura na sociedade desse tempo. Contudo, o ideal e a prática da comunhão de bens na Igreja primitiva teve efeitos duradouros na história da Igreja. E uma mensagem que precisa de ser ouvida em muitas sociedades africanas onde coexistem enormes riquezas e a pobreza extrema.

5. É PRECISO ABANDONAR OS NOSSOS HÁBITOS?

Mt 5,17-18

5,17-20. Jesus veio para levar a Lei à plenitude. Ele é o intérprete final da Lei.

5,17. A Lei ou os Profetas: Cf. 7,12; 22,40; Lc 24,44; Jo 1,45; Act 24,14; 28,23; Rm 3,21. O cumprimento da Lei e dos Profetas por Jesus é **uma consolidação da lei do amor** que brota da tradição de Israel. A lei de Cristo não significa que uma nova substitui uma antiga; significa antes a perfeição final e a renovação da mesma lei.

5,18. Em verdade: "Amen" no original, de uma raiz que significa "**ser firme**, seguro, de confiança". Usado no AT como sinal da aceitação de um juramento e suas consequências (cf. Dt 27,15ss) e como resposta no culto. Na época do NT, é usado com regularidade no fim das orações (cf. 1 Cor 14,16). O próprio Jesus é chamado "o Ámen" (Ap 3,14).

Um só jota ou um só ápice da Lei: O *jota* ou *iota* é a letra grega "ι" que corresponde à letra mais pequena do alfabeto hebraico, o opcional *yod*.

Mc 2,15-16

1,14-45. Chegou a soberania de Deus. As pessoas devem questionar a sua maneira de pensar (arrependimento) e aceitar o que Jesus faz e diz. Com grande autoridade, Jesus declara a chegada de uma nova era. Com a mesma autoridade, convida o povo a segui-lo, destrói o poder do espírito maligno e cura os doentes. **Os africanos com medo dos poderes maléficos** podem ver em Jesus o Senhor que tem o poder sobre todos os espíritos do mal. **Seguir Jesus significa, para todos, deixar a visão pessoal do mundo e abraçar o plano de Deus.**

1,15. Completou-se o tempo: Cf. Gl 4,4; Ef 1,10. Deus mantém as promessas que fez aos nossos antepassados, os patriarcas.

Reino de Deus: Cf. Mt 4,23; 9,35; 24,14; 25,31-46; Lc 7,22; Ap 21,1-22,17. **Os judeus estavam à espera da chegada do Reino de Deus.** Deus era considerado rei e, várias vezes na História de Israel, interviu para os salvar da escravidão do Egito, da fome no deserto, do Exílio da Babilónia. Deus tinha prometido que os salvaria **através do Messias**. Agora, Jesus diz às pessoas que o Reino de Deus está mesmo à mão. Ou seja, em Jesus, precisamente nele, Deus vai libertá-los de toda a opressão e especialmente da escravidão do pecado. **O Reino de Deus está presente quando aceitamos que Deus ama cada pessoa**, e quando tentamos viver como irmãos e irmãs juntos na sua família, sem fazer distinções de tribo, religião, classe ou raça.

Arrependei-vos: Cf. Mt 3,2. **Mudar de atitude através da fé em Jesus.** Jesus é o verdadeiro libertador dos homens e das mulheres da opressão diabólica, do pecado, das suas consequências e da lei. Ele é o nosso redentor pela entrega da sua vida.

1,16-20. Vocação de quatro pescadores como primeiros discípulos de Jesus (cf. 1 Rs 19,19-21). Os Evangelhos relatam o chamamento de Pedro por Jesus, segundo diferentes tradições: Mt 4,18-22; Lc 5,1-11 (cf. Jo 21,1-19); Jo 1,35-42.

1,16. Mar da Galileia: Ou lago da Galileia. **Jesus chama** os seus primeiros discípulos enquanto passa **ao longo do lago** da Galileia; por várias vezes ensinará as multidões nas margens deste lago (cf. 2,13; 3,7; 4,1; 5,21). O lago é uma barreira entre a Galileia e as terras a oriente; mas Jesus facilmente atravessa esta barreira (4,35; 5,1.21; 6,51-53; 8,10.13).

CIC 1206. "A **diversidade litúrgica** pode ser fonte de enriquecimento, mas pode também provocar tensões, incompreensões recíprocas e até mesmo cismas. Neste campo, é claro que a diversidade não deve prejudicar a unidade. **A adaptação às culturas requer uma conversão do coração e, se necessário, a ruptura com hábitos ancestrais** incompatíveis com a fé católica."

CIC 2185. Durante o **domingo** e os outros dias de festa de preceito, os fiéis se absterão de se entregar aos trabalhos ou atividades que impedem o culto devido a Deus, a alegria própria ao dia do Senhor, a prática das obras de misericórdia e o descanso conveniente do espírito e do corpo. As necessidades familiares ou uma grande utilidade social são motivos legítimos para dispensa do preceito do repouso dominical. Os fiéis cuidarão para que **dispensas legítimas não acabem introduzindo hábitos prejudiciais à religião**, à vida familiar e à saúde.

6. JESUS DEUS FEITO HOMEM, DEUS CONNOSCO (Natal)

Lc. 2,1-14

2,1-40. Em Lucas o relato do nascimento tem **cinco partes**: o nascimento em si, o anúncio aos pastores; a circuncisão e o nome, a purificação e dedicação em Jerusalém; o regresso a Nazaré; e o resumo sobre o crescimento de Jesus.

Mateus e Lucas concordam que Jesus nasceu em Belém, mas os seus relatos divergem quanto à relação da sagrada família com Nazaré e Belém.

2,1-21. O relato do nascimento de Cristo **provavelmente foi a última parte do Evangelho de Lucas a ser escrita**. O nascimento revela, desde o início e sem qualquer dúvida, como se processa a lógica de Deus. Escolhe a pobreza e a debilidade e ensina-nos a descartar a lógica humana baseada no poder e na força, uma lógica que também os cristãos podem ser tentados a usar.

2,1. Saiu um édito: No ano 6 d.C., **Augusto introduziu um imposto** de cinco por cento sobre as heranças, incidindo sobre todos os cidadãos romanos excepto os mais pobres. Tal medida deve **ter exigido dados estatísticos atualizados**, de forma a estabelecer-se sobre quem o imposto iria incidir, a fim de maximizar os proventos. **Quirino** provavelmente decidiu realizar este censo a par com o seu recenseamento em 6-7 d.C.

César Augusto: Gaio Octávio nasceu no ano 63 a.C. e morreu em 14 d.C. No ano 29, o seu título inicial, Imperador, foi ratificado. No ano 27, o Senado deu-lhe o título de "Augusto".

2,2. Este recenseamento foi o primeiro: Houve um recenseamento na Judeia no ano 6 d.C. e Lucas teve conhecimento (cf. Act 5,37), mas não foi nos dias de Quirino. Augusto designou Quirino como conselheiro de Gaio César, o filho adoptivo do imperador, deu-lhe poderes de pró-consul e tornou-o vice-regente das províncias orientais, incluindo a Síria, por volta de 1 a.C.-4 d.C. Lucas demonstra uma exactidão histórica admirável, revela ter consciência deste recenseamento posterior (cf. Act 5,37) e tem consciência de Jesus não ter nascido tão tarde (cf. Lc 1,5).

2,7. Manjedoura: A imagem da manjedoura (cf. vv. 7.12.16) refere-se ao tabuleiro em que os rebanhos comiam, e que Lucas em Act 20,28-29 identifica com a Igreja. A manjedoura significa a vida, a presença e o ensino de Jesus enquanto alimentos da Igreja (cf. vv. 12.16).

Por não haver lugar: Para Lucas, como para os tradutores da Setenta, a palavra grega *katalyma* (hospedaria) referia-se a qualquer lugar em que um viajante encontrasse hospitalidade. Não havia lugar para Jesus em Belém, **prefigurando a rejeição em Jerusalém**.

2,8. Pastores: Cf. vv. 15.18.20. Ao longo do AT os **pastores foram muito apreciados**: Abel (Gn 4,2), Abraão (Gn 12,16), Isaac (Gn 26,14), Jacob (Gn 30,29-43), Moisés (Ex 3,1), David (1 Sm 16,11). São honrados na literatura profética e sapiencial (Is 40,11; Jr 33,12-13; Ez 34,11-16.23-31; Sl 23; 80,1-7; 95,7). Nos Evangelhos (Mt 18,12-14; 25,31-40; 26,30-31; Lc 15,3-7; Jo 10,11-18.25-30; 21,15-17), Actos (20,28-29) e em Pedro (1 Pe 5,1-4) também são descritos com admiração, **embora no tempo de Jesus fossem vistos como marginais**. A presença deles no nascimento de Jesus anuncia o comportamento futuro de Jesus, que se junta aos pecadores, aos proscritos e aos marginalizados.

2,10. Grande alegria: Cf. Jo 15,11; 16,20-24; 17,13; Act 15,3;

2 Cor 1,24; 8,2; Gl 5,22; Heb 12,2. A notícia anunciada a estes pastores distingue-se pela novidade da mensagem, pelo desafio aos poderosos e pelo seu testemunho da verdade.

2,12. Sinal: A manjedoura e os panos que envolvem o menino apontam para o túmulo talhado na rocha e para o sudário de linho da sepultura de Jesus em 23,53.

2,14. Os anjos proclamam uma paz ilimitada para aqueles que estão prontos para seguir em direcção a Deus.



7. MARIA , MÃE DE DEUS

Lc 1,26-33

1,26-38. Lucas conta-nos a anunciação a Maria **usando citações bem conhecidas do AT**, relativas a Isaac (Gn 17,18), Sansão (Jz 13), Samuel (1 Sm 1). Pretendia chamar à atenção para o facto de a criança prestes a nascer **não ser fruto da capacidade humana, mas dom de Deus**. Ao longo da história da anunciação e da infância, Maria é retratada como a cheia de graça divina, sempre muito solícita, obediente, crente, honrada, dedicada à lei e piedade judaicas.

1,27. Virgem: Palavra grega (*parthenos*) que designa mais exactamente uma donzela virgem. No Evangelho, **designa toda e qualquer jovem**. Jerusalém, em desespero, é apelidada "a virgem de Sião" (Jr 14,13; 31,4). Pondo em realce a virgindade de Maria, Lucas elimina o equívoco sobre o seu casamento e prepara a narração da concepção milagrosa de Jesus (1,34). Maria no seu cântico de louvor tem consciência da sua humildade e de que tudo o que nela foi feito é obra do "todo-poderoso" (v. 49). A virgindade de Maria é semelhante à esterilidade de Rebeca (Gn 25,21), Sara (Gn 11,30), Raquel (Gn 29,31), a mãe de Sansão (Jz 13,2), Ana, mãe de Samuel (1 Sm 1,2-22; 2,1-21), e Isabel, mãe de João Baptista (Lc 1,7). O que está a acontecer no seio de Maria é obra de Deus. Deus dá à mulher estéril um lar, fazendo dela a mãe feliz da criança (Sl 113,9). **Em Africa**, segundo o conceito tradicional da família, **a fecundidade é um grande valor**, e uma mulher casada sem filhos é como uma árvore que não produz fruto e a esterilidade, muitas vezes, cria problemas à estabilidade da família.

1,28. Cheia de Graça: Este título é dirigido a Maria como se fosse o seu nome e por isso exprime **um elemento essencial** do seu ser. Ela é a protegida, a agraciada por Deus ao longo de toda a sua existência.

1,31. Dar à luz um filho: Sobre os anúncios de nascimentos de filhos no AT, ver Gn 16,11-12; 17,19; Jz 13,3; 1 Rs 13,2; Is 7,14-17; 1 Cr 22,9-10. Estas passagens têm em comum **três elementos básicos**: a) anúncio do nascimento introduzido por uma **chamada** de atenção; b) indicação do **nome**; c) especificação da **identidade** da criança. O filho de Maria cumpre em si próprio as promessas dos profetas: a virgem concebeu como Isaías tinha predito (Is 7,14), e Deus fez-se presente para salvar o seu povo em Maria, identificada como "filha de Sião" nas palavras de Sofonias.

Jesus: "Deus salva" (cf. Mt 1,21.23).

CIC 148-149. A Virgem **Maria realiza da maneira mais perfeita a obediência da fé**. Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazida pelo anjo Gabriel, acreditando que "nada é impossível a Deus" (Lc 1,37) e dando seu assentimento: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). Isabel a saudou: "Bem-aventurada a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido" (Lc 1,45). É em virtude desta fé que todas as gerações a proclamam bem-aventurada.

Durante toda a sua vida e até sua última provação, quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, sua fé não vacilou. Maria não deixou de crer "no cumprimento" da Palavra de Deus. **Por isso a Igreja venera em Maria a realização mais pura da fé.**

CIC 115. "Deus enviou Seu Filho" (Gl 4,4), mas, para "formar-lhe um corpo" **quis a livre cooperação de uma criatura**. Por isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe de Seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré na Galiléia, "uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria" (Lc 1,26-27). Quis o Pai das misericórdias que a Encarnação fosse **precedida pela aceitação daquela que era predestinada a ser Mãe de seu Filho**, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte [Eva], uma mulher também contribuisse para a vida.



8. JESUS VEIO PARA SALVAR A TODOS

Mt 8,5-8.10-11

8,5-27. Jesus ultrapassa os limites da sua raça e nação, cura um estrangeiro. O pagão é o primeiro a ter consciência da autoridade suprema de Jesus.

8,5-13. Cf. Lc 7,1-10; Jo 4,43-54. De acordo com Mateus, **Jesus não excluiu os pagãos do Reino de Deus** e foi capaz de reconhecer a fé dos não-crentes (cf. 15,22-28).

8,5. Centurião: Oficial que comandava cem homens. As localidades pequenas eram habitualmente dirigidas por um centurião. É interessante notar que os soldados romanos profissionais que são mencionados no NT aparecem como homens bons e honestos. O centurião que comandava a esquadra que executou Jesus confessou que Ele era o Filho de Deus (27,54) e que estava inocente (Lc 23,47). Repetimos a profissão de humildade do centurião de Cafarnaum sempre que recebemos a Eucaristia.

CIC 1928. A sociedade garante a justiça social quando **realiza as condições** que permitem às associações e a cada membro seu **obter o que lhes é devido** conforme sua natureza e sua vocação. A justiça social está ligada ao bem comum e ao exercício da autoridade.

1929. Só se pode conseguir a justiça social no **respeito à dignidade** transcendente do homem. A pessoa representa o fim último da sociedade, que por sua vez lhe está ordenada.

A defesa e a promoção da dignidade da pessoa humana nos foram confiadas pelo Criador. Em todas as circunstâncias da história, os homens e as mulheres são rigorosamente responsáveis e obrigados a esse dever.

1930. O respeito à pessoa humana implica que se **respeitem os direitos que decorrem de sua dignidade de criatura**. Esses direitos são anteriores à sociedade e se lhe impõem. São eles que fundam a legitimidade moral de toda autoridade; conculcando-os ou recusando-se a reconhecê-los em sua lei positiva, uma sociedade mina sua própria legitimidade moral. Cabe à Igreja lembrar esses direitos aos homens de boa vontade e distingui-los das reivindicações abusivas ou falsas.

1931. O respeito pela pessoa humana passa pelo respeito deste princípio: **"Que cada um respeite o próximo, sem exceção, como 'outro eu', levando em consideração antes de tudo sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente"**. Nenhuma lei seria capaz, por si só, de fazer desaparecer os temores, os preconceitos, as atitudes de orgulho e egoísmo que constituem obstáculos para o estabelecimento de sociedades verdadeiramente fraternas. Esses comportamentos só podem cessar com a caridade, que vê em cada homem um "próximo", um irmão.

1933. Este mesmo dever se estende àqueles que pensam ou agem diferentemente de nós. A doutrina de Cristo vai até o ponto de **exigir o perdão das ofensas**. Estende o mandamento do amor, que é o da nova lei, a todos os inimigos. A libertação no espírito do Evangelho é incompatível com o ódio ao inimigo, como pessoas mas não com o ódio ao mal que este pratica, como inimigo.

1934. Criados à imagem do Deus único, dotados de uma mesma alma racional, **todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem**. Resgatados pelo sacrifício de Cristo, todos são convidados a participar na mesma felicidade divina; todos gozam, portanto, de igual dignidade.

1938. Existem também desigualdades iníquas que atingem milhões de homens e mulheres e se acham em contradição aberta com o Evangelho: A igual dignidade das pessoas postula que se chegue a condições de vida mais justas e mais humanas. Pois **as excessivas desigualdades** econômicas e sociais entre os membros e povos da única família humana **provocam escândalo e são contrárias à justiça social**, à equidade, à dignidade da pessoa humana e à paz social e internacional.

1939. O princípio da **solidariedade**, enunciado ainda sob o nome de ou "caridade social", é uma exigência direta da fraternidade humana e cristã: Um erro, "hoje amplamente difundido, é o esquecimento desta lei da **solidariedade humana e da caridade**, ditada e imposta tanto pela comunidade de origem e pela igualdade da natureza racional em todos os homens, seja qual for o povo a que pertençam, como também pelo sacrifício redentor oferecido por Jesus Cristo no altar da cruz a seu Pai celeste, em prol da humanidade pecadora".

9. OS POBRES E OS PEQUENINOS RECONHECEM A JESUS

Lc 10,21

10,21-14. A oração de Jesus (somente Lucas refere que Jesus se alegrou sob a acção do Espírito Santo) pode ter sido um hino de louvor na Igreja primitiva. Retrata Jesus como revelador do Pai.

Neste texto, a **alegria emerge repetidamente a vários níveis**. Em **primeiro lugar, a alegria dos 72** discípulos que regressaram da missão evangelizadora, **a segunda para a qual Jesus os enviou**. Apesar das cidades que os recusaram, o seu balanço geral é positivo, diria mesmo entusiástico. Eles estão cheios de alegria, diz o versículo 17, mas o texto parece enfatizar sobretudo o carácter superficial dessa alegria. Regozijam-se sobretudo **pelos seus êxitos**, e Jesus, respondendo-lhes se, por um lado, confirma o valor da graça que lhes foi concedida para viver, por outro recorda-nos que a **verdadeira fonte da alegria do missionário não são** os compromissos apostólicos, **o consenso da multidão** ou dos vários poderes, o número daqueles que vos seguem, ou o entusiasmo daqueles que vos aplaudem e nem sequer a espetacularidade dos acontecimentos sensacionalistas, ou uma certa eficácia que demonstre os seus resultados, **mas a verdadeira alegria nasce noutro lugar**, e é aquela expressa por Jesus em linguagem figurada. *"Alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão escritos no céu."* Uma imagem que remete mais uma vez para uma alegria **enraizada na consciência de saber que somos livremente amados e escolhidos por Deus**, o Pai que está nos céus.

Há, portanto, alegria e alegria, por um lado a alegria ligada a uma função bem realizada e bem sucedida, por outro a alegria baseada na relação pessoal com o próprio Deus. Surge, assim, uma distonia, contraste que, aliás, é constantemente apontado nos Evangelhos entre os discípulos e Jesus, entre o que os faz regozijar os discípulos, e o que o faz regozijar Jesus. E isto emerge ainda mais no resto do texto em que se relata a oração de que os exegetas estão habituados a definir **um hino de júbilo** por causa das palavras de que é introduzido, em que se diz que Jesus se regozijou, se regozijou no Espírito Santo.

O verbo (Lc 10, 21) exultar de alegria, que ocorre em Lucas outras vezes e muitas vezes **em conexão com o Espírito Santo**, indica uma **alegria instantânea, excruciante**, quase um salto, um arrebatamento. E é o mesmo verbo que encontramos, por exemplo, no **Magnificat**, o Cântico de **Maria**, que diz: *«O meu Espírito regozija-se em Deus, meu Salvador»*. O paralelo do texto é bastante próximo, aliás, porque aqui estamos tratando precisamente do Magnificat elevado por Jesus ao Pai. Como a sua mãe, **Jesus canta a lógica paradoxal do reino, de um Deus que se revela aos pequeninos**, aos sem palavras, e se esconde dos sábios, dos eruditos, tal como Maria diz que Deus derruba os poderosos dos seus tronos e levanta os humildes. A mesma lógica.

Também é interessante que **a exultação de Jesus esteja no Espírito Santo**. Isto revela a razão da diversidade e da novidade da alegria de Jesus. Lucas é um evangelista muito atento à ação do Espírito e sublinha quantos dos momentos-chave da vida de Jesus são vividos em dócil obediência a uma inspiração do Espírito. É no Espírito Santo que Jesus se deixa guiar na lógica do Pai e que consegue **exultar mesmo naquilo que é humanamente contraditório**. **Perante uma situação em que todos os que importam o rejeitam, enquanto só os que não contam para nada o acolhem, seria normal que todos os outros gritassem fracasso**. No entanto, **Jesus é dócil ao Espírito e consegue regozijar-se com esta situação**, sintonizar-se de novo com a lógica da benevolência de Deus, do seu amor gratuito.

Os discípulos, por sua vez, aos quais se dirige de facto esta bem-aventurança final, na realidade ainda precisam de passar pela prova de uma **conversão de mentalidade**, na qual o Espírito os guiará para assumirem verdadeiramente esse novo olhar.

A alegria dos discípulos, portanto, a nossa, é uma alegria ainda e sempre imatura, uma alegria que deve ainda e sempre converter-se à lógica do Evangelho, uma alegria que, para alcançar a plenitude, deve passar necessariamente pela peneiração, pela prova da tristeza, pelas *dores do parto* de que nos fala o Quarto Evangelho.

(Alegria, o Fruto do Espírito - Luigi d'Ayala Valva)

10. JESUS FALA-NOS

Mc 1, 21-28

1,14-45. Chegou a soberania de Deus. As pessoas devem questionar a sua maneira de pensar (arrependimento) e aceitar o que Jesus faz e diz. Com grande autoridade, Jesus declara a chegada de uma nova era. Com a mesma autoridade, convida o povo a segui-lo, destrói o poder do espírito maligno e cura os doentes. **Os africanos com medo dos poderes maléficos** podem ver em Jesus o Senhor que em o poder sobre todos os espíritos do mal. Seguir Jesus significa, para todos, deixar a visão pessoal do mundo e abraçar o plano de Deus.

1,21. Cafarnaúm: Segundo 1,21-39 Jesus passa um dia na cidade.

1,22. Doutores da Lei: Eram os peritos da lei religiosa e presidiam aos serviços na sinagoga. Proclamavam que as tradições orais (decisões legais) eram mais importantes do que a lei escrita (7,5-8), e isso facilmente conduziu ao formalismo religioso. Congregavam alunos à sua volta e proferiam preleções no templo.

Também administravam a lei como juízes não-remunerados no Sinédrio, daí o título de "legistas" (cf. Mt 22,35). Por várias vezes entraram em confronto com Cristo (cf. Mt 7,28-29), mas alguns acreditaram em Jesus (cf. Mt 8,19).

1,23. Espírito maligno: Espírito maligno ou impuro porque **resistia à santidade de Deus**. Os exorcismos (5,1-20; 7,24-30; 9,14-29) de espíritos impuros mostram que a misericórdia de Deus se estende para lá do Israel fiel, incluindo os impuros, começando desse modo a purificação do mundo inteiro e fazendo dele o Reino de Deus.

1,24. Para nos arruinar: Cf. 5,1-20; 9,14-29; Mt 12,28; Lc 11,20:

O Reino de Deus destrói o reino do demônio e prepara o seu fim. O exorcismo é um sinal visível da proximidade do Reino de Deus.

O Santo de Deus: No AT "o Santo" era um representante ou agente vindo da esfera divina (ou seja, de Deus e do seu conselho), e por isso estava investido com um poder e uma autoridade especiais. A missão de Jesus, enquanto "Santo de Deus", é representar a santidade de Deus (cf. Lc 4,34). Contudo, em Jo 6,69, o título confessa a missão de Jesus como o mensageiro que vem do alto e como a sabedoria de Deus.

CIC 2168. O **terceiro mandamento** do Decálogo lembra a santidade do sábado: "O sétimo dia é sábado; repouso absoluto em honra do Senhor" (Ex 31,15).

2171. Deus confiou o sábado a Israel, para que ele pudesse guardá-lo em **sinal da aliança** inquebrantável. O sábado é, para o Senhor, santamente reservado ao louvor de Deus, de sua obra de criação e de suas ações salvíficas em favor de Israel.

2173. O Evangelho relata numerosos incidentes em que **Jesus é acusado de violar a lei do sábado. Mas Jesus nunca profana a santidade desse dia.** Dá-nos com autoridade sua autêntica interpretação: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado" (Mc 2,27). Movido por compaixão, Cristo se permite, no "dia de sábado, fazer o bem de preferência ao mal, salvar uma vida de preferência a matar. O sábado é o dia do Senhor das misericórdias e da honra de Deus. "O Filho do Homem é senhor até do sábado" (Mc 2,28).

«E entraram em **Cafarnaum**» (Mc 1, 21), isto é, no campo da consolação. "*Cafar*" significa "**campo**", "*naum*" "**consolação**". Ou, se preferir, como os termos hebraicos têm múltiplos significados e, dependendo da pronúncia, têm um significado diferente, *Nahum* significa tanto "**consolação**" quanto "**beleza**". Cafarnaum pode, portanto, ser entendido como um "campo de consolação" ou como um "campo bonito". [...] «Entraram em Cafarnaum, entraram imediatamente na sinagoga no sábado e ensinaram-nos» (Mc 1, 21) a abandonar a ociosidade do sábado e a fazer suas obras do Evangelho. **«Ensinou como quem tem autoridade e não como escribas»** (Mc 1, 22). Ele não disse: "Isto é o que o Senhor diz", ou "Aquele que me enviou assim fala", mas ele mesmo falou, como havia falado antes pela boca dos profetas. Uma coisa é dizer "está escrito", outra é dizer "Isto é o Senhor" e outra é dizer "em verdade vos digo". [...] "Ficaram espantados com a sua doutrina." **Ele não falou como mestre, mas como o Senhor; Ele não falou com a autoridade de alguém maior do que ele, mas falou com a sua própria autoridade.**

JERÓNIMO, Comentário ao Evangelho de Marcos 2, CCL 78, pp. 464-465

11. JESUS CHAMA

Mt 4,18-22

4,18-25. Jesus toma a iniciativa de **escolher os seus discípulos**. Estes são convidados não só a ouvi-lo como também a colaborar com Ele na missão, porém, primeiro e especialmente, **devem ligar-se totalmente à pessoa de Jesus**. O convite de Jesus a que abandonem o pai significa que tem de **deixar para trás todos os hábitos incompatíveis com a sua palavra**: ódios, contendas, poligamia, adivinhação e muitos mais.

4,18-22. Os Evangelhos transmitem **diferentes tradições** sobre o chamamento de Pedro: Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11 (cf. Jo 21,1-19); Jo 1,35-42.

4,18. Simão, chamado Pedro: Simão, ou *Simeon bar Jonah* (Simão, filho de João: Simão, possivelmente, significa "Deus ouviu", e João, "Deus é generoso"), natural de Betsaida da Galileia (cf. Jo 1,44) mas a viver em Cafarnaúm (cf. 8,14; Mc 1,29; Lc 4,38), foi escolhido por Jesus, apesar das suas fraquezas, para ser chefe da Igreja (cf. 16,13-20; Lc 22,31-32; Jo 1,42; 21,15-17; Act 1,15-26; 2,14-41; 3,1-26; 4,1-22; 5,1-32; 9,32-11,18; 12,1-17; 15,1-12; 1 e 2 Pe), e foi-lhe dado o nome muito significativo de "*cephas*" (de *Kefha*, palavra aramaica para "rocha") ou Petros (palavra grega para "rocha").

Pescadores: Vários dos primeiros discípulos de Jesus tinham como ocupação a pesca e tornaram-se pescadores de pessoas (4,19; Mc 1,16-17). **O Reino de Deus é como uma rede lançada ao mar que apanha peixes de todas as espécies** (13,47-48). Um peixe pagou o imposto de Pedro e Jesus relativo ao templo (17,27). **Pescar pessoas significa, então, resgatá-las da força do mal**. A palavra grega para peixe (*ichthys*) passou a ser interpretada como *Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador*.

4,21. Chamou-os: Nos Evangelhos sinópticos, o discipulado expressa-se principalmente através de três verbos ou expressos verbais: "**ser chamado**", "**deixar tudo**", "**seguir**". O discípulo é alguém que segue, aprende e fica junto de Cristo (cf. Mc 3,14, o Mestre, que se revela como caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6)

CIC 874-878

O próprio Cristo é a fonte do ministério na Igreja. Instituiu-a, deu-lhe autoridade e missão, orientação e finalidade: Para apascentar e aumentar sempre o Povo de Deus, Cristo Senhor instituiu em sua Igreja uma variedade de ministérios **que tendem ao bem de todo o Corpo**. Pois os ministros que são revestidos do sagrado poder servem a seus irmãos para que todos os que formam o Povo de Deus... cheguem à salvação.

"*Como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados?*" (Rm 10,14-15). Ninguém, nenhum indivíduo, nenhuma comunidade pode anunciar a si mesmo o Evangelho. "A fé vem da pregação" (Rm 10,17). **Ninguém pode dar a si mesmo o mandato e a missão de anunciar o Evangelho**. O enviado do Senhor fala e age não por autoridade própria, **mas em virtude da autoridade de Cristo**; não como membro da comunidade, mas falando a ela em nome de Cristo. Ninguém pode conferir a si mesmo a graça; ela precisa ser dada e oferecida.

Intrinsecamente ligado à natureza sacramental do ministério eclesial está o seu caráter de serviço. Já que a palavra e a graça de que são ministros não são deles, mas de Cristo, que lhas confiou aos outros, eles se farão livremente servos de todos.

Igualmente, é da natureza sacramental do ministério eclesial que **exista um caráter colegial**. Efetivamente, desde o início de seu ministério o Senhor Jesus instituiu os Doze, "os germes do Novo Israel e ao mesmo tempo a origem da sagrada hierarquia. Escolhidos conjuntamente, são também enviados conjuntamente, e sua **união fraterna estará a serviço da comunhão fraterna de todos os fiéis**; esta união será como um reflexo e um testemunho da comunhão das pessoas divinas.

Finalmente, é da natureza sacramental do ministério eclesial que haja **um caráter pessoal**. Se os ministros de Cristo agem em comunhão, agem também sempre de maneira pessoal. Cada um é chamado pessoalmente - "Tu, segue-me (Jo 21,22) - para ser, na missão comum, testemunha pessoal, assumindo pessoalmente a responsabilidade diante daquele que dá a missão, agindo "em sua pessoa" e em favor de pessoas: "Eu te batizo em nome do Pai..." "Eu te perdôo..."

12. JESUS REZA

Lc 11,1-4

11,1-13. Lucas coloca todos estes ditos no contexto da **vida de oração de Jesus, o que leva os discípulos a pedirem que os ensine a rezar.** Em Lucas, a oração do Senhor não tem as elaborações litúrgicas de Mateus.

A versão lucana parece ser mais antiga. A petição final provavelmente é escatológica: não nos deixes cair em tentação, ou seja, na agonia final do mal, antes do fim.

11,1. Nos tempos antigos, **os grupos religiosos caracterizavam-se** não só pelas doutrinas em que acreditavam e leis que observavam, como também **pelo tipo de orações** que usavam.

11,2. Reino: Ao rezar "venha o teu Reino", as pessoas dão a **conhecer a Deus a sua prontidão** para se envolverem na renovação do mundo através do compromisso com os outros.

11,3. Pão de cada dia: Cf. Mt 6,11. A petição sugere a Deus que nos dê "o pão que nos chega" (isto é, que nos calha em sorte). Pressupõe uma fé na providência de Deus à maneira de uma criança, e dirige-se ao Pai celeste que dispensa a todas as criaturas o alimento de que precisam.

CIC 2762. Depois de mostrar como os Salmos são o alimento principal da oração cristã e convergem nos pedidos do Pai-Nosso, Sto. Agostinho conclui: *Percorrei todas as orações que se encontram nas Escrituras, e eu não creio que possais encontrar nelas algo que não esteja incluído na oração do Senhor.*

2763. Todas as Escrituras (a Lei, os Profetas e os Salmos) se realizam em Cristo. O Evangelho é esta "Boa nova". Seu primeiro anúncio é resumido por S. Mateus no Sermão da Montanha. Ora, a oração ao Nosso Pai encontra-se no centro deste anúncio. E este contexto que ilumina cada pedido da oração que o Senhor nos deixou: *A Oração dominical é a mais perfeita das orações... Nela, não só pedimos tudo quanto podemos desejar corretamente, mas ainda segundo a ordem em que convém desejá-lo. De modo que esta oração não só nos ensina a pedir, mas ordena também todos os nossos afetos.*

2765. A tradicional expressão "**Oração dominical**" [ou seja, "**Oração do Senhor**"] significa que a oração ao nosso Pai nos foi ensinada e dada pelo Senhor Jesus. Esta oração que nos vem de Jesus é realmente única: ela é "do Senhor". Com efeito, por um lado, mediante as palavras desta oração, o Filho único nos dá as palavras que o Pai lhe deu; **Ele é o Mestre de nossa oração.** Por outro lado, como Verbo encarnado, Ele conhece em seu coração de homem as necessidades de seus irmãos e irmãs humanos e no-las revela; é o Modelo de nossa oração.

2766. Jesus, no entanto, **não nos deixa uma fórmula a ser repetida maquinalmente.** Como vale em relação a toda oração vocal, é pela Palavra de Deus que **o Espírito Santo ensina** aos filhos de Deus como rezar a seu Pai. Jesus nos dá não só as palavras de nossa oração filial, mas também, ao mesmo tempo, o Espírito pelo qual elas se tornam em nós "espírito e vida" (Jo 6,). Mais ainda: a prova e a possibilidade de nossa oração filial consiste no fato de que o Pai "enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: **Abba, Pai!**" (4,6). Já que nossa oração interpreta nossos desejos diante de Deus, é ainda "aquele que perscruta os corações", o Pai, quem "sabe qual é o desejo do Espírito; pois é segundo Deus que ele intercede pelos santos" (Rm 8,27). A oração a Nosso Pai insere-se na missão misteriosa de Filho e do Espírito.

RESUMINDO

2773. Atendendo ao pedido de seus discípulos ("Senhor, ensina-nos a orar": Lc 11,1), Jesus lhes confia a oração cristã fundamental do Pai-Nosso.

2774. "A Oração dominical é realmente o **resumo de todo o Evangelho**", "a mais perfeita das orações" Está no centro das Escrituras.

2775. É chamada "Oração dominical" porque nos vem do Senhor; Jesus, Mestre e Modelo de nossa oração.

2776. A Oração dominical é a **oração da Igreja por excelência.** É parte integrante das grandes Horas do Ofício Divino e dos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia. Integrada na Eucaristia, ela manifesta o caráter "escatológico" de seus pedidos, na esperança do Senhor, "até que Ele venha" (1 Cor 11,26).

13. JESU CURA

Mc 1, 29-34 (45)

1,40-45. Jesus não tem medo de tocar num leproso porque sabe que não pode ser contaminado pela sua impureza; pelo contrário, dará uma nova força ao leproso. O discípulo de Cristo tem de adoptar a mesma atitude em relação aos rejeitados.

1,35-39. Pregar e expulsar demónios são as principais preocupações de Jesus, que às vezes actuava nas casas de oração dos judeus, as sinagogas.

1,40-45. Ao tocar no leproso, Jesus expressa santidade e poder. Ele é tão íntimo de Deus que o seu toque pode purificar até mesmo a pior impureza. Havia várias doenças de pele que eram consideradas lepra - uma doença que afastava o infectado da sua comunidade. Jesus tocava nessas pessoas.

1,40. Podes purificar-me: Cf. Mt 8,3; 10,8; 11,5; Lc 4,27; 5,12-13; 7,22; 17,17. A ânsia de purificação é uma ânsia de salvação. A vida está ameaçada por numerosos adversários como: doenças físicas, tensões sociais, convulsões, injustiças. Até mesmo a morte será destruída (1 Cor 15,26), mas aqueles que fazem a vontade do Senhor viverão para sempre (1 Jo 2,17; cf, 1 Cor 7,31).

1,41. Compadecido: Em Marcos, **Jesus aparece com emoções humanas** como, por exemplo, compaixão (v. 41), indignação (3,5), desgosto (8,12), impaciência (8,17-21.33), amor ternurento (10,16.21), medo e depressão (14,34-36), e com limitações humanas como o conhecimento relativo (2,26; 5,30; 13,32), poder (6,5), bondade (10,18).

Fica purificado: Jesus interage muitas vezes com as pessoas que (segundo os líderes judeus) devia evitar. Faz coisas pouco convencionais e não observa os costumes locais sobre os lugares e tempos. **Jesus deitou fora o sistema de pureza judaico e proclamou outros valores mais importantes.** Como "*Santo de Deus*", é agente da reforma de Deus, está autorizado a ultrapassar as linhas fronteiriças e a confundir as classificações sociais. Jesus santifica os pecadores e reabilita os doentes.

OS SINAIS DO REINO DE DEUS

CIC 547. Jesus acompanha suas palavras com numerosos "milagres, prodígios e sinais" (At 2,22) que manifestam que o Reino está presente nele. Atestam que Jesus é o Messias anunciado.

548. Os sinais operados por Jesus testemunham que o Pai o enviou. Convidam a crer nele. Aos que a Ele se dirigem com fé, concede o que pedem. Assim, os milagres fortificam a fé naquele que realiza as obras de seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus. Eles podem também ser "ocasião de escândalo". Não se destinam a satisfazer a curiosidade e os desejos mágicos. Apesar de seus milagres tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns; acusam-no até de agir por intermédio dos demónios.

549. Ao libertar certas pessoas dos males terrestres da fome, da injustiça, da doença e da morte, **Jesus operou sinais messiânicos**; não veio, no entanto, para abolir todos os males da terra, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado, que os entrava em sua vocação de filhos de Deus e causa todas as suas escravidões humanas.

550. O advento do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás: "Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demónios, então o Reino de Deus já chegou a vós" (Mt 12,28). Os exorcismos de Jesus libertam homens do domínio dos demónios. Antecipam a grande vitória de Jesus sobre "o príncipe deste mundo". E pela Cruz de Cristo que o Reino de Deus ser definitivamente estabelecido: "Regnavit a ligno Deus - Deus reinou do alto do madeiro".

670. Desde a Ascensão, o desígnio de Deus entrou em sua consumação. **Já estamos na "última hora"** (1Jo 2,18). "Portanto, a era final do mundo já chegou para nós, e a renovação do mundo está irrevogavelmente realizada e, de certo modo, já está antecipada nesta terra. Pois já na terra a Igreja se reveste de verdadeira santidade, embora imperfeita. "O Reino de Cristo já manifesta sua presença pelos sinais milagrosos que acompanham seu anúncio pela Igreja".

14. JESUS DÁ A SUA VIDA

João 10,11-12.14-15.17

10,11-18. A imagem do **pastor** manifesta vários aspectos da pessoa de Jesus. Mt 18,12-14 e Lc 15,4-7 descrevem o pastor como aquele que procura a ovelha perdida. Para João, o pastor não é o que acaricia com ternura a ovelha transviada, mas o protector tenaz que, sob custo da sua própria vida, enfrenta quem quer que ameace o seu rebanho.

10,11. Bom pastor: A descrição do bom pastor que **dá a vida** pelas suas ovelhas alude ao Servo que oferece a sua vida em sacrifício, cf. Is 53,10.

Vida pelas ovelhas: Cf. 15,1L.13; 1 Jo 3,16.

10,12. O lobo arrebatava-as e espanta-as: Cf. Act 20,29. O termo "**lobo**" apenas aparece na Bíblia com sentido metafórico, quase sempre associado ao **abuso de autoridade** de algumas pessoas (por exemplo, Sf 3,3; Mt 7,15).

10,16. Cf. 17,11. **Cristo fundou a Igreja.** Devido aos pecados e lutas, actualmente há muitas seitas cristãs. A vontade de Deus em relação à sua Igreja é **que todos sejam um**. O primeiro passo para ultrapassar as divisões é reconhecer que, **devido ao nosso Baptismo em Cristo**, somos todos verdadeiramente irmãos e irmãs. Estamos unidos não só pelo Baptismo mas também porque **partilhamos as Escrituras**, a oração, o culto, os sacramentos, os credos, a graça do Espírito Santo, etc. São muitas mais as coisas que nos unem do que as que nos separam. Fomos todos convocados por Jesus para o seguir. Por isso, não há razão para falarmos mal dos outros ou para viver em inimizade. Devemos pensar nos outros como companheiros cristãos e tudo fazer para nos conhecermos, respeitarmos e amarmos mutuamente.

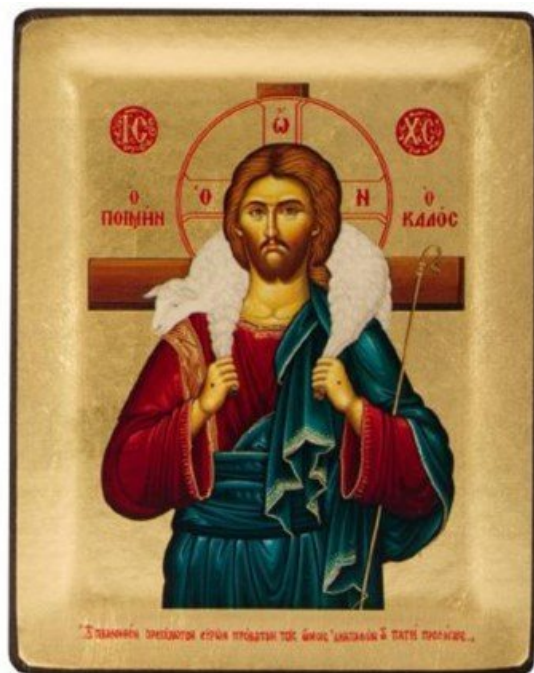
CIC 753. Na Sagrada Escritura, encontramos uma **multidão de imagens** e figuras interligadas, pelas quais a revelação fala do mistério inesgotável da Igreja.

754. "Com efeito, a Igreja é o redil, do qual **Cristo é: a única e necessária porta**. Ela é também a grei, da qual o próprio Deus prenunciou que seria o pastor. Suas ovelhas, embora governadas por pastores humanos, são, contudo, incessantemente conduzidas e alimentadas pelo próprio **Cristo, Bom Pastor** e Príncipe dos pastores, que deu sua vida por suas ovelhas".

764. "Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. "Acolher a palavra de Jesus é "acolher o próprio Reino". O germe e o começo do Reino são o "**pequeno rebanho**" (Lc 12,32) dos que Jesus veio convocar em torno de si, dos quais **ele mesmo é o pastor**". Eles constituem a verdadeira família de Jesus. Aos que assim reuniu em torno dele, ensinou uma "maneira de agir" nova e também uma oração própria.

896. O Bom Pastor será o modelo e a "forma" do múnus pastoral do bispo. Consciente de suas fraquezas, "o Bispo pode compadecer-se dos ignorantes e extraviados. Não se negue, pois, a atender aos súditos, amando-os como verdadeiros filhos e exortando-os para que alegremente colaborem com ele...Por sua vez, os fiéis devem estar unidos a seu Bispo como a Igreja a Jesus Cristo, e Jesus Cristo ao Pai".

1551. Esse **sacerdócio é ministerial**. "Esta missão que o Senhor confiou aos pastores de seu povo é um verdadeiro serviço." Refere-se inteiramente a Cristo e aos homens. Depende inteiramente de Cristo e de seu sacerdócio único, e foi **instituído em favor dos homens e da comunidade da Igreja**. O sacramento da ordem comunica "um poder sagrado" que é o próprio poder de Cristo. O exercício desta autoridade deve, pois, ser medido pelo modelo de Cristo que, por amor, se fez o último e servo de todos. "O Senhor disse claramente que cuidar de seu rebanho é uma prova de amor para com Ele."



15. O SACRIFÍCIO DE JESUS: A EUCARISTIA

Lc 22,14-15.19-20

Lc 23,46

22,14-20. Lucas dá a este episódio a forma de **uma despedida** clássica do líder aos seus discípulos: primeiro a refeição, depois o discurso sobre o que irá acontecer e como os discípulos se devem comportar: A indicação do traidor segue-se à instituição da Ceia do Senhor. A participação na ceia significa comunhão na morte de Jesus bem como na futura refeição messiânica."

22,14-38. No relato lucano da Ceia do Senhor, **a situação real da comunidade durante o tempo que vai desde a morte de Jesus ao estabelecimento do Reino** em plenitude são os temas das palavras de despedida. Na ausência de Jesus (vv. 15-18), a comunidade, unida pela Ceia do Senhor ao Ressuscitado que se oferece como Servo (vv. 19-20), é uma comunidade que não pode acolher um traidor (vv. 21-23) e tem uma herança de serviço (vv. 24-27), Embora tendo como meta o banquete celestial (vv. 28-30), tem de passar por lutas (vv. 35-38). Contudo, tem a certeza do apoio do Ressuscitado que fortalece Pedro e, através do discípulo fiel, apoia a comunidade (vv. 31-32). iss

22,19-20. Para os primeiros cristãos, acção de graças, **acção memorial**, partilha fraterna e esperança escatológica eram as características principais da Ceia do Senhor (cf. Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20; 1 Cor 11,23-25). O simbolismo da Eucaristia está mais na acção do que nos elementos pão e vinho. Mas a acção, naturalmente, toma o seu significado do facto de pão e vinho se tornarem corpo e sangue de Jesus.

22,19. Em minha memória: Cf. 1 Cor 11,24. Fazer "*anamnese*" significa que os cristãos ficam implicados em toda a história da salvação. Sem ministros da Eucaristia a Igreja não poderia viver essa obediência fundamental que está bem no coração da sua existência e missão na história, uma obediência que é resposta à ordem dada por Cristo de anunciar o Evangelho.

22,20. A nova Aliança no meu sangue: Cf. 22,20; Ex 24,8; Jr 31, 31; 32,40; Zc 9,11; Mt 26,28; Mc 14,24; 1 Cor 11,25; Heb 12,24; 13,20. A celebração da Eucaristia é um momento e um meio de aprofundar a comunhão de vida com Deus e uns com os outros, e de estimular o sentido do serviço.

CIC 1362. A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferta sacramental de seu único sacrifício na liturgia da Igreja, que é o corpo dele. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada *anamnese* ou memorial.

1363. No sentido da Sagrada Escritura, o memorial não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas a **proclamação das maravilhas que Deus realizou** por todos os homens. A celebração litúrgica desses acontecimentos toma-os de certo modo presentes e atuais. É desta maneira que Israel entende sua libertação do Egito: toda vez que é celebrada a Páscoa, os acontecimentos do êxodo tomam-se presentes à memória dos crentes, para que estes conformem sua vida a eles.

1364. O memorial recebe um sentido novo no Novo Testamento. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, rememora a páscoa de Cristo, e esta se torna presente: o sacrifício que Cristo ofereceu uma vez por todas na cruz torna-se sempre atual: "Todas as vezes que se celebra no altar o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nessa páscoa foi imolado, **efetua-se a obra de nossa redenção.**"

1365. Por ser memorial da páscoa de Cristo, a Eucaristia **é também um sacrifício**. O carácter sacrificial da Eucaristia é manifestado nas próprias palavras da instituição: "Isto é o meu Corpo que será entregue por vós", e "Este cálice é a nova aliança em meu Sangue, que vai ser derramado por vós" (Lc 22,19-20). Na Eucaristia, Cristo dá este mesmo corpo que, entregou por nós na cruz, o próprio sangue que "derramou por muitos para remissão dos pecados" (Mt 26,28).

1366. A Eucaristia é, portanto, **um sacrifício** porque representa (toma presente) o Sacrifício da Cruz, porque **dele é memorial** e porque aplica seus frutos.

16. A PARTILHA ENTRE OS PRIMEIROS CRISTÃO

Act 2,42.44-47

2,42-47. Este retrato da Igreja enfatiza aspectos valorizados quer na sociedade judia quer na greco-romana: dedicação diária a actividades religiosas públicas e privadas, respeito perante a presença de Deus, **harmonia e solidariedade** na comunidade expressas através da preocupação com os outros e de generosidade.

2,42. Os **quatro elementos** da vida cristã aqui apontados - **o ensino dos Apóstolos, a união fraterna, a fracção do pão, as orações** - proporcionam a base do culto. Os vv. 42-46 caracterizam a Igreja primitiva enquanto comunidade de culto.

Eram assíduos: Mantinham-se firmes na doutrina dos Apóstolos. Recebiam-na, guardavam-na e agiam segundo os seus princípios.

2,44. Possuíam tudo em comum: Cf. 1.14; 2.1: 2.46; 4.31; 12.12; 1 Cor 1,2; 14,26; Ef 2,21; 4,16; Cl 1,17; 2,2.19; Heb 10,25. O apelo à **solidariedade** é um apelo a uma nova forma de pensar, de reconhecer todas as pessoas como seres sociais com direitos e responsabilidades de membros interdependentes de um único corpo. No coração da comunidade está o ensinamento dos Apóstolos acerca de Jesus. A comunidade está unida porque todos comiam em Jesus e seguem-no. Isto cria uma solidariedade que se concretiza no sentimento de pertença, na atenção uns para com os outros e na partilha com o próximo, de forma a que ninguém passe necessidades.

2,45. Distribuíam o dinheiro por todos: Cf. 4,34-35. Os membros da comunidade cristã primitiva, no momento em que os Evangelhos foram escritos, partilhavam os seus bens (Lc 12,33). Esta generosidade da parte dos cristãos (11,29) foi o resultado da efusão do Espírito. O amor pelos seus irmãos e pelas causas que adoptaram era maior do que o amor pelos bens materiais. A **partilha testemunhava que eles consideravam os homens e as mulheres como mais valiosos do que a riqueza terrena**. Aqueles cujo coração está cheio do amor de Cristo vão seguir o exemplo daquele que por amor de nós se tornou pobre, que através da sua pobreza nos enriqueceu (2 Cor 8,9). Os pobres já não são escravos, mas livres (cf. 1 Cor 7,23). Os dirigentes devem servir em vez de exercer o poder sobre os outros (Mt 20,25-28; 23,11; Mc 10,42-45; Lc 9,48; 22,25-27; Cl 4,1). Apesar de tudo, **muitas vezes isto foi esquecido** ou ignorado. Paulo censura os coríntios por humilharem os pobres quando a comunidade se reúne para celebrar a Ceia do Senhor. O Apóstolo lembra-lhes que é o corpo do Senhor que devem reconhecer quando se reúnem (1 Cor 11,17-34). O conflito entre o bem comunitário e a cobiça individual acontece de tempos a tempos. É necessário **examinar se há justiça** quando uns possuem um grande excedente de bens materiais enquanto outros não têm o básico para viver. Neste caso, a riqueza torna-se um crime contra a vida (Tg 2,2-6). Quem não renunciar a tudo o que tem não pode ser discípulo de Cristo (Lc 14,33), ou seja, dificilmente entra no Reino do Céu (Mt 19,21-23; Lc 6,24; 12,16-22). Estar ao lado dos pobres aqui e agora significa estar com os justos no fim dos tempos (Mt 25,31-46).

2,47. Tinham a simpatia de todo o povo: No original pode significar, também, que "tinham boa vontade para com todo o povo".

CIC 949. Na comunidade primitiva de Jerusalém, os discípulos "mostravam-se assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações" (At 2,42). A comunhão na fé. A fé dos fiéis é a fé da Igreja, recebida dos Apóstolos, **tesouro de Vida que se enriquece ao ser compartilhado**.

950. A comunhão dos sacramentos. "O fruto de todos os sacramentos pertence a todos os fiéis. Com efeito, os sacramentos, e sobretudo o Batismo, que é a porta pela qual se entra na Igreja, são igualmente vínculos sagrados que os unem a todos e os incorporam a Jesus Cristo. A **comunhão dos santos** é a comunhão operada pelos sacramentos... O nome comunhão pode ser aplicado a cada sacramento, pois todos eles nos unem a Deus... Contudo, mais do que a qualquer outro, este nome convém à Eucaristia, porque é principalmente ela que consuma esta comunhão. "

17. JESUS DÁ O ESPÍRITO (Pentecostes)

João 14,15-17a.26

14,1-31. Há muitos mestres e pregadores que nos podem mostrar o caminho. São como sinais de trânsito. Mas, precisamente como os sinais de trânsito, não podem chegar até ao local que indicam. **Jesus** não é alguém que aprendeu o caminho para o Pai. Ele **é o caminho para o Pai**. Filipe revela uma quase total falta de compreensão. Jesus, o Pai e o Espírito são um. Conhecer um é conhecer a todos. Nos discursos de despedida, o Espírito é apelidado de "o **Paráclito**" (**defensor, advogado**). **João diz que é o Espírito da verdade, o Espírito Santo**. Quando Jesus deixar este mundo, o Espírito será o seu representante entre os discípulos. O Espírito de Jesus está disponível para todos. Jesus assegura aos seus discípulos que eles irão encontrar sempre as respostas adequadas às suas questões, uma resposta em harmonia com o seu ensinamento, se eles guardarem a sua Palavra e se mantiverem os seus corações abertos à obra do Espírito.

14,17. Espírito da Verdade: Cf. 14,16-17.26; 15,26-27; 16,7-15. O cristão experimenta a presença do Espírito no dom da palavra. A Palavra e o Espírito são os princípios dinâmicos da comunidade cristã. Não o vê nem o conhece: O género deste pronome ("o", em grego, é do género neutro) concorda com a palavra grega *pneuma* e manteve-se assim apesar de se falar de uma pessoa, o Espírito de Deus. Noutros pontos usam-se pronomes masculinos; cf. por exemplo 16,13.

Rm 8,14-17^a

8,14-17. Aqui estabelece-se o **contraste entre o espírito de escravidão e o espírito de filiação**. Este espírito é o grande dom do Espírito Santo. O crente vive numa relação familiar com a Trindade.

8,14. Guiar pelo Espírito: A condução inspiradora directa pelo Espírito não substitui o exame atento das Escrituras nem o uso das faculdades racionais.

Filhos de Deus: Esta é a primeira referência à filiação em Rm. Com isto Paulo apresenta a profunda relação com Deus de todo aquele que acredita e que vive pelo Espírito.

8,15. Abbá, ó Pai: Apesar da sua brevidade, esta é **uma oração de aclamação de Deus como Pai**. Encaixa perfeitamente no ambiente baptismal deste capítulo. Neste grito o Espírito Santo e o espírito humano estão intimamente unidos (v. 16) como duas testemunhas do facto de que os cristãos são filhos de Deus. Aquele que está "em Cristo" tem a possibilidade de gozar da mesma relação com Deus que o próprio Jesus também teve. Este é o motivo que permite chamar a Jesus o "primogénito de muitos irmãos". Israel já era conhecido como o filho de Deus (Ex 4,22; Os 11,1), mas antes de Jesus ninguém se tinha dirigido a Deus directamente com "Abba". É muito possível que isto tenha feito parte da liturgia baptismal da época.

8,17. Se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: Como membros de pleno direito da família, os filhos podem gozar da condição de herdeiros e assim herdar e gozar da glória do Filho.

Sofremos: O sofrimento é a grande marca do cristão no mundo. Paulo inventa palavras (em grego) para exprimir a correspondência da morte e da ressurreição do cristão com a morte e a ressurreição de Cristo (cf. 1 Cor 12,26). A palavra "*sympathein*" tem uma conotação diversa (cf. Heb 4,15; 10,34)."

CIC 729. É somente quando chega a Hora em que vai ser glorificado que **Jesus promete a vinda do Espírito Santo**, pois sua Morte e Ressurreição serão o cumprimento da Promessa feita aos Apóstolos: o **Espírito de Verdade, o Paráclito**, será dado pelo Pai a pedido de Jesus; Ele será **enviado pelo Pai em nome de Jesus**; Jesus o enviará de junto do Pai, pois ele procede do Pai. O Espírito Santo virá, nós o conheceremos, Ele estará connosco para sempre, Ele permanecerá connosco; Ele nos ensinará tudo e nos lembrará de tudo o que Cristo nos disse, e dele dará testemunho; conduzir-nos-á à verdade inteira e glorificará a Cristo. Quanto ao mundo, confundi-lo-á em matéria de pecado, de justiça e de julgamento.

18. UM DIA RECEBERÁS O BAPTISMO

Act 2,37-38

2,37-41. O apelo ao arrependimento e a promessa do perdão dos pecados são eco do sermão de João Baptista e concretizam a promessa de Jesus ressuscitado. Juntamente com a remissão dos pecados, os ouvintes recebem uma porção do que o Senhor ressuscitado recebeu do Pai e deu aos Apóstolos: o Espírito Santo.

CIC 535. A vida pública de Jesus tem início com seu Batismo por João no rio Jordão. João Batista proclamava "um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados" (Lc 3,3). Uma multidão de pecadores, de publicanos e soldados, fariseus e saduceus e prostitutas vem fazer-se batizar por ele. Jesus aparece, o Batista hesita, mas Jesus insiste. E Ele recebe o Batismo. Então o Espírito Santo, sob forma de pomba, vem sobre Jesus, e a voz do céu proclama: "Este é o meu Filho bem-amado" (Mt 3,13-17). É a manifestação ("Epifania") de Jesus como Messias de Israel e Filho de Deus.

536. O Batismo de Jesus é, da parte dele, a aceitação e a inauguração de sua missão de Servo sofredor. Deixa-se contar entre os pecadores; é, já, "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1,29), antecipa já o "Batismo" de sua morte sangrenta. Vem, já, "cumprir toda a justiça" (Mt 3,15), ou seja, submete-se por inteiro à vontade de seu Pai: aceita por amor este batismo de morte para a remissão de nossos pecados. A esta aceitação responde a voz do Pai, que coloca toda a sua complacência em seu Filho. **O Espírito que Jesus possui em plenitude desde a sua concepção vem "repousar" sobre Ele.** Jesus ser a fonte do Espírito para toda a humanidade. No Batismo de Jesus, "abriram-se os Céus" (Mt 3,16) que o pecado de Adão havia fechado; e as águas são santificadas pela descida de Jesus e do Espírito, prelúdio da nova criação.

537. Pelo Batismo, o cristão é sacramentalmente assimilado a Jesus, que antecipa em seu Batismo a sua Morte e a sua Ressurreição; deve entrar neste mistério de rebaixamento humilde e de arrependimento, descer à água com Jesus para subir novamente com ele, renascer da água e do Espírito para tornar-se, no Filho, filho bem-amado do Pai e "viver em uma vida nova" (Rm 6,4): Sepultemo-nos com Cristo pelo Batismo, para ressuscitar com Ele; desçamos com Ele, para ser elevados com Ele; subamos novamente com Ele, para ser glorificados nele. Tudo o que aconteceu com Cristo dá-nos a conhecer que, depois da imersão na água, o Espírito Santo voa sobre nós do alto do Céu e que, adotados pela Voz do Pai, nos tornamos filhos de Deus.

1226. A partir do dia de Pentecostes, a Igreja celebrou e administrou o santo Batismo. Com efeito, São Pedro declara à multidão impressionada com sua pregação: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão de vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2,38). Os Apóstolos e seus colaboradores oferecem o Batismo a todo aquele que crer em Jesus: judeus, tementes a Deus, pagãos. O Batismo aparece sempre ligado à fé: "Crê no Senhor e serás salvo, tu e a tua casa", declara São Paulo a seu carcereiro de Filipos. O relato prossegue: "E imediatamente [o carcereiro recebeu o Batismo, ele e todos os seus" (At 16,31-33).

1227. Segundo o apóstolo São Paulo, **pelo Batismo o crente comunga na morte de Cristo;** é sepultado e ressuscita com ele: Batizados em Cristo Jesus, em sua morte é que fomos batizados. Portanto, pelo Batismo fomos sepultados com ele na morte para que, **como Cristo foi ressuscitado** dentre os mortos pela glória do Pai, **assim também nós** vivamos vida nova (Rm 6,3-4). Os batizados "vestiram-se de Cristo". Pelo Espírito Santo, o Batismo é um banho que purifica, santifica e justifica.

1229. Tornar-se cristão, eis algo que se realiza desde os tempos dos apóstolos por um **itinerário e uma iniciação que passa por várias etapas.** Este itinerário pode ser percorrido com rapidez ou lentamente. Dever sempre comportar alguns **elementos essenciais: o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho acarretando uma conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística.**